OJE
O JORNAL ECONÓMICO ONLINE

Ondas sísmicas chinesas ao mercado financeiro internacional

ARTIGOS DE OPINIÃO



28/03/14, 00:06
Rafael Lomenso, Head of Office CCA Ontier Shanghai/OJE

Já foi discutido diversas vezes que a China está a passar por um momento de transição, que o modelo económico de exportações e superavit da balança comercial está perto de seu fim e é preciso que seja criada a alternativa para a manutenção do espetacular crescimento económico que a China gozou na última década.

Porém, a discussão sobre uma das maiores transformações económicas da China nos últimos anos mantém-se restringida aos media especializados: a criação de um mercado de serviços financeiros internacional.

Diversas medidas apontam para esta "revolução" dos mercados financeiros chineses, mas como é expectável de uma reforma na China, chega-se à outra margem do rio passo a passo, pedra por pedra.

Com maior evidência destaco a recente criação da Zona Franca de Xangai. No âmbito de serviços financeiros prevê-se, entre outros, que os bancos chineses tenham liberdade para oferecer serviços offshore e que produtos financeiros estruturados possam ser criados com base em ativos gerados no próprio mercado chinês e oferecidos para mercados offshore, assim como para o próprio mercado chinês.

Podemos identificar uma intenção de utilizar esta zona como um laboratório de testes sobre os eventuais riscos da abertura desta atividade financeira antes que as mesmas sejam estendidas à totalidade do território chinês.

Tem sido dito e repetido que o intuito desta zona é substituir Hong Kong como centro financeiro asiático para investimentos relacionados com o mercado chinês. Não posso discordar integralmente deste comentário, mas no curto e médio prazo, tudo indica que o resultado será exatamente o oposto.

Devido às relações privilegiadas com a China continental, a par de um sistema jurídico confiável e propício à oferta de serviços financeiros, Hong Kong está posicionado para fortalecer, no médio prazo, a sua posição como centro financeiro regional.

Mas o interesse no mercado de Hong Kong não se restringe aos motivos descritos acima. Encontra-se atualmente em estágio avançado de negociação um sistema de reconhecimento mútuo de fundos entre a China continental e Hong Kong.

As implicações de tais medidas são imensuráveis, pois esta estrutura abriria o acesso aos investidores chineses que detêm o maior volume de fundos privados ainda não explorados pelo mercado financeiro internacional e ainda abriria a possibilidade de investimento estrangeiro especulativo em títulos emitidos na China.

Nos termos deste reconhecimento mútuo, vislumbra-se um futuro não muito distante, a possibilidade de criação de fundos de investimentos baseados em Hong Kong, cujos títulos podem ser vendidos diretamente ao mercado chinês, que poderia ter como objeto, por exemplo, o investimento em certa área económica em Portugal ou certa classe de ações cotadas na Bolsa em Portugal.

Vivemos, de facto, um momento único de mudança no mercado chinês e qualquer bom conhecedor deste mercado preverá que as mudanças serão realizadas gradualmente e que este rio será conquistado a cada passo, a cada pedra. Ao identificar já o caminho a ser trilhado podemos identificar as ondas sísmicas que irão alterar a face do mercado financeiro internacional e vão trazer mais um incrível ciclo chinês em suas impressionantes décadas de crescimento económico.

Não haverá certamente motivos para Portugal e as suas empresas não participarem nestas oportunidades logo neste primeiro estágio de abertura.

Rafael Lomenso, Head of Office CCA Ontier Shanghai